

# DIVERSIDADE E RELAÇÕES INTER-REGIONAIS NO POVOAMENTO CALCOLÍTICO DA BACIA DO MÉDIO E ALTO MONDEGO

por

António Carlos Valera

**Resumo:** Este texto começa por uma apresentação sumária da informação arqueológica disponível sobre habitats, a partir da qual se procurarão expôr uma série de ideias referentes a problemas de conceptualização, interpretação e caracterização relacionados com as questões da diversidade e relações inter-regionais durante o III milénio AC na bacia do médio e alto Mondego.

**Palavras-chave:** Calcolítico. Diversidade. Beira-Alta.

**Abstract:** The archaeological data available for settlements during the III millennium BC in the medium and upper Mondego basin is described, on purpose to discuss conceptualization, interpretation and characterization problems, related with diversity and inter-regional relationships.

**Key-words:** Calcolithic. Diversity. Beira Alta.

## OS DADOS ARQUEOLÓGICOS

Desconhecidos na região até meados da década de oitenta, os habitats com ocupações que têm sido atribuídas *grosso modo* ao III milénio AC contam-se actualmente em número de catorze, situados na área entre os rios Mondego e Dão, com excepção do Buraco da Moura de S. Romão, localizado num dos contrafortes ocidentais da Serra da Estrela, a Sul do Mondego.

## QUADRO 1

Lista dos sítios de habitat referidos em texto e respectivas referências bibliográficas

Nº	Sítio	Tipo de intervenção	Ref. Bibliográfica
1	Castro de Santiago	Em escavação sistemática desde 1988	Valera, 1992
2	Provilgas	Recolhas de superfície	Valera, 1993 c)
3	Buraco da Moura	Em escavação sistemática desde 1987	Valera et. al., 1989 e Valera, 1993 a)
4	Murganho 2	Sondagem de emergência	Senna-Martinez, no preto b) e c)
5	Murganho 1	Sondagem de emergência	Valera, no prelo a)
6	Corujeira	Sondagem de emergência	Valera, 1993b)
7	Penedo da Penha	Escavado em 1987	Estevinha et. al., 1989
8	Barrocas	Recolhas de superfície	Senna-Martinez, no prelo b)
9	Mimosal	Sondagem	Senna-Martinez, no prelo b)
10	Ameal	Em escavação sistemática desde 1987	Senna-Martinez, 1989 e no prelo, b) e c)
11	Quinta Nova	Sondagem	Senna-Martinez, no prelo b)
12	Pedra Aguda	Recolhas de superfície	Senna-Martinez, no prelo b)
13	Linhares	Recolhas de superfície	Valera, no prelo b)
14	Fraga da Pena	Em escavação sistemática desde 1992	Valera, 1993 c) (escavações inéditas)

Um dos aspectos importantes no estudo do povoamento da bacia do médio e alto Mondego durante o III milénio AC terá sido a coincidência no tempo da descoberta e início de escavação de sítios arqueológicos que, à partida, apresentavam características bastante diversificadas (Buraco da Moura, Penedo da Penha, Ameal em 1987 e Castro de Santiago em 1988), o que desde logo fazia antever um quadro caracterizado por uma grande heterogeneidade cultural.

Até 1987, o Calcolítico desta região apenas era conhecido através de alguns conjuntos artefactuais descontextualizados, provenientes de monumentos megalíticos e que poderiam ser integráveis neste período, desconhecendo-se por completo os locais de habitação das populações que tumulavam nesses monumentos. A partir de então, a escavação do habitat do Ameal primeiro, e, mais recentemente, as sondagens realizadas na Quinta Nova, Mimosal e Murganho 2 e as recolhas de superfície nos sítios das Barrocas e Pedra Aguda, possibilitaram a identificação de áreas habitacionais que, através das componentes artefactuais que forneceram, permitem estabelecer correlações com necrópoles megalíticas com utilizações durante a segunda metade do IV milénio / primeiro quartel do III milénio AC, com eventuais prolongamentos dentro deste último milénio<sup>1</sup> e que poderiam,

<sup>1</sup> "Tudo isto implica que anos de radiocarbono e anos de calendário solar sejam entidades diferentes, isto é, o espaço de tempo definido por estas duas unidades além de não ser igual varia, no primeiro caso, ao longo do tempo enquanto que, por definição, se mantém constante o segundo. Daí que subtrair 1950 à data convencional de radiocarbono e apresentar e discutir resultados em anos a.C. se afigure sem qualquer significado e totalmente erróneo. Por conseguinte, este procedimento constitui uma via que deverá ser abandonada" (SOARES, *no prelo*)

pelo menos em parte, começar a preencher o vazio de informação sobre o povoamento calcolítico da região (SENNA-MARTINEZ, *no prelo a) e b)*).

Concentrando-se numa área sensivelmente quadrangular de 10 x 10 Km entre Mondego e Dão (Est. I), com excepção de Murganho 2, situado cerca de 13 Km mais para NW, todos estes sítios surgem implantados em locais abertos, aplanados, de declives suaves e sobranceiros a ribeiras subsidiárias de um daqueles dois rios. Aparentemente sem estruturas de fortificação, estes habitats parecem revelar estratégias de implantação sem grandes preocupações defensivas ou de controlo da paisagem. Nos três sítios alvo de escavação foi possível identificar estruturas habitacionais, correspondendo a *pisos habitat* em argila. A intervenção do Ameal possibilitou a delimitação de três cabanas, de forma grosseiramente ovalada, com buracos de poste que estruturariam paredes e suportariam uma cobertura, enquanto que a sondagem realizada no Murganho 2 permitiu observar que as paredes seriam de ramagens entrelaçadas com aplicação de argila. Estas cabanas, no caso do Ameal e da Quinta Nova, apresentavamlareiras estruturadas centrais que aproveitavam abundantes elementos de mós manuais e que, no Ameal, preenchiam silos que teriam tido uma utilização prévia para “*torrefacção e armazenagem de bolota*” (SENNA-MARTINEZ, *no prelo b)*) (Est.II).

Uma primeira datação de radiocarbono para a utilização do silo situado no interior da cabana 1 coloca-a no III milénio AC (ICEN-345 3980±110 BP, 2881-2146 cal AC) (SENNA-MARTINEZ, 1989), embora a ordem de grandeza do intervalo de desvio-padrão a 2 (cerca de 700 anos) não permita a sua localização precisa dentro deste milénio<sup>2</sup>. Posteriormente, obtiveram-se mais duas datações para a utilização do silo da cabana III (ICEN-908 4590±45 BP, 3501-3108 cal AC; ICEN-909 4545±45 BP, 3373-3048 cal AC), posicionando-a na segunda metade do IV milénio AC (SENNA-MARTINEZ, *no prelo c)*).

De uma maneira geral, o espólio recolhido nestes habitats é dominado pela presença de cerâmica (exclusivamente recipientes). As formas mais características e vulgares são os pratos, por vezes com bordo espessado externa e/ou internamente

---

O excerto acima transcrito serve para ilustrar o que, de algum tempo a esta parte, se tem vindo a defender em relação aos procedimentos a ter no manejo dos resultados das datações de radiocarbono. Neste sentido, todas as referências a cronologias e utilizações de datas neste texto reportar-se-ão a anos de calendário e a datas calibradas AC.

<sup>2</sup> Convém ainda salientar que a data obtida reporta-se à utilização do silo enquanto estrutura de armazenagem e, eventualmente, de torrefacção, não à sua posterior utilização como caixa térmica de lareira de uma cabana. Quer isto dizer que a data poderá corresponder a uma utilização do silo num momento anterior à construção da cabana e à deposição do espólio a ela associado. A existência de um outro silo perto, aparentemente não integrado em nenhuma estrutura de cabana, aconselha a que tal seja colocado, pelo menos, como hipótese. Contudo, trata-se apenas de uma questão de rigor, uma vez que o extenso intervalo do desvio padrão transcende largamente, com certeza, todo e qualquer desfazamento cronológico que eventualmente possa ter existido entre a primeira utilização do silo e a construção da cabana.

(não *almendrado*), as taças, taças carenadas (carena alta), tigelas, esféricos e globulares. Dominam sempre as formas abertas e a decoração é, em todos os contextos, nula. Na produção lítica, sublinhe-se uma dominância da produção laminar, com lâminas não retocadas e retocadas (foices de encabamento transversal) e pontas de seta sobre lâmina. Estão igualmente presentes lamelas e alabardas (um fragmento em contexto habitacional na cabana 3 do Ameal), objectos de adorno em *pedra verde* (variscite ?) e pedra polida. De destacar o elevado número de dormentes e moventes de mós manuais existentes nestes habitats, sobretudo no Ameal, onde fragmentos destes artefactos abundavam nas estruturas térmicas que preenchiam a parte superior dos silos. O sílex (para a utensilagem lítica leve), o anfibólito (para a pedra polida) e o granito (para as mós) são as matérias primas dominantes.

As escavações que se têm vindo a realizar no Castro de Santiago, Buraco da Moura de S. Romão, Penedo da Penha 1 e, mais recentemente, na Corujeira, Fraga da Pena e Murganho 1, assim como recolhas de superfície realizadas nos sítios das Provilgas (Fornos de Algodres) e Linhares (Santa Comba Dão), têm vindo a revelar uma realidade particularmente diferente e diversificada.

O Castro de Santiago é um povoado de altura, fortificado, com extenso domínio visual sobre a paisagem, revelador de uma estratégia de implantação presidida por fortes necessidades defensivas. As estruturas defensivas utilizam os grandes penedos graníticos existentes no topo do cabeço, ligados por troços muralhados, nos quais já foi detectada uma estrutura de tipo bastião (parcialmente danificada) e uma porta (Est. III, Fig. 1). No interior, foram identificadas áreas habitacionais, constituídas por cabanas definidas por baixos alinhamentos de pedras que estruturariam paredes e tectos de ramagens entrelaçadas com ou sem revestimento a barro (não foram ainda detectados vestígios de *cerâmica de revestimento*), apresentando estruturas centrais, provavelmente de combustão (Est. III, Fig. 2). Este povoado terá sido edificado num momento já plenamente calcolítico, tendo sido detectadas duas fases de ocupação, a primeira das quais possui uma data de radiocarbono (ICEN-907 4210±45 BP, 2916-2624 cal AC).

Ao nível da cultura material, o Castro de Santiago caracteriza-se genericamente, e no que se refere à produção cerâmica, pela existência de formas predominantemente abertas (taças e tigelas hemisféricas, estando ausentes os pratos e as taças carenadas), embora os esféricos e os globulares de colo tenham representações significativas. A decoração ocorre em percentagens entre os 6% e os 10%, sendo as técnicas utilizadas a impressão, a incisão e a pintura, dominando, como motivos, as caneluras junto ao bordo, os triângulos incisos preenchidos, as espinhas incisas e o puncionamento simples e/ou arrastado. Igualmente em cerâmica, estão presentes pesos de tear paralelepípedicos com quatro perfurações (um com decoração reticulada incisa) e colheres. No que respeita ao material

lítico, estão presentes machados e enxós, assim como blocos de anfibolito talhados e preparados para a fabricação daqueles instrumentos e cuja percentagem é semelhante à das peças acabadas; pontas de seta (em quartzo e sílex, normalmente de tamanho reduzido); lâminas em sílex retocadas (foices); raspadeiras em sílex e quartzo; geométricos; lamelas e lascas variadas. Surgem também bigornas, relacionáveis com a forte utilização do quartzo como matéria prima (VALERA, 1993 b)), e elementos de moagem. Na utensilagem lítica leve a utilização do quartzo ultrapassa por vezes a utilização de sílex na produção de determinados artefactos (caso das pontas de seta).

Os dados provenientes das sondagens realizadas no Murganho 1 e na Corujeira (aos quais se poderão eventualmente juntar as recolhas de superfície dos sítios de Linhares e Provilgas) permitem a sua integração na mesma realidade cultural global em que se insere o Castro de Santiago, podendo fazer parte de um mesmo sistema de povoamento que apresentaria um padrão diversificado.

Efectivamente, quer o Murganho 1 quer a Corujeira sugerem estarmos em presença de locais de habitat abertos, aparentemente sem estruturas defensivas, situados em áreas aplanadas com um domínio visual sobre a paisagem bastante limitado, possivelmente com um único estrato de ocupação. As estruturas detectadas no Murganho 1 apontam para construções habitacionais de carácter pouco duradouro, provavelmente à imagem das identificadas nos povoados de “tipo Ameal”, que apresentam uma implantação e morfologia semelhantes, demonstrando, contudo, acentuadas diferenças ao nível da cultura material. Tal como é observável no Castro de Santiago, os conjuntos cerâmicos destes dois sítios arqueológicos caracterizam-se pela clara sobreposição das formas abertas sobre as fechadas, dominando as tigelas hemisféricas e as taças e denotando-se a ausência de pratos ou taças carenadas. A decoração surge com percentagens de 8.5% no Murganho 1 e de 6.4% na Corujeira, utilizando as técnicas da impressão e incisão. Os motivos dominantes são as espinhas incisas e as decorações penteadas (que no Murganho 1 atingem 70.4% entre a totalidade dos motivos da cerâmica decorada), surgindo também os punctionamentos e as retículas incisas. Ainda em cerâmica, proveniente do Murganho 1, existe um peso de tear fragmentado, provavelmente sub-rectangular ou oval com quatro perfurações, decorado com incisões numa das faces. No que respeita ao material lítico, encontramos presentes em ambos os sítios elementos de moagem, lâminas retocadas, sub-produtos de talhe, lamelas e núcleos. No Murganho 1 surgem ainda duas pontas de seta de base plana, um fragmento de uma outra e 4 UADs (Utensílio de Aresta Distal sobre prisma de quartzo). Da Corujeira dispomos de uma bigorna e de dois machados de pedra polida. A matéria prima utilizada é o granito para os utensílios de moagem e para a bigorna, sendo o sílex e quartzo para os restantes materiais líticos.

Estamos, assim, perante sítios de habitat que forneceram uma cultura material claramente integrável no III milénio AC e que encontra os seus melhores paralelos na região no Castro de Santiago. Este último, contudo, é um povoado fortificado, revelador de efectiva sedentarização, preocupações defensivas e de controlo visual da paisagem. Pelo contrário, o Murganho 1 e a Corujeira (a que eventualmente poderemos juntar Linhares e Provilgas) apontam para estabelecimentos mais precários, de menor duração, indicando uma certa sazonalidade, na linha de um povoamento neolítico. Esta diversidade de padrões de estabelecimento poderá sugerir a existência de duas facetas distintas dentro de uma realidade calcolítica global da área, apontando para parâmetros evolutivos heterogéneos entre comunidades aparentadas. No entanto, a grande semelhança das respectivas culturas materiais poderá permitir outras formas interpretativas, como por exemplo, a de um modelo de comunidades estáveis, sedentárias, dentro das quais existiriam segmentos transumantes, responsáveis pela presença, no registo arqueológico, dos sítios de habitat de características mais precárias, semelhantes aos povoados neolíticos do IV milénio AC.

A região terá ainda assistido, durante os IV e III milénios AC, à presença de outras comunidades que se diferenciam pela sua cultura material e locais de implantação. Os dados provêm de dois sítios arqueológicos: Penedo da Penha e Buraco da Moura de S. Romão. Em ambos os casos, trata-se da utilização, como habitat, de espaços entre aglomerados de penedos graníticos que formam abrigos ou verdadeiras “grutas” que, no caso do Buraco da Moura de S. Romão, podem atingir um desenvolvimento interno de galerias e corredores superior a 150 m, localizados a meio ou no fundo de vertentes de declive acentuado (Est. IV). As intervenções já realizadas no Penedo da Penha (ESTEVINHA, SENNA-MARTINEZ e VALERA, 1989) possibilitaram a identificação da ocupação de um abrigo e uma sequência de deposições em escorrência na sala 2. No Buraco da Moura, foram já detectadas, ao longo do desenvolvimento da “gruta”, três áreas de concentração de materiais arqueológicos. Contudo, apenas na área situada junto à actual entrada foi possível encontrar níveis de ocupação *in situ* e estratigrafias razoavelmente conservadas (sala 20 e sala 2), sendo as restantes concentrações caracterizadas por depósitos de escorrências. Ambos os sítios revelaram, através dos respectivos conjuntos artefactuais e/ou sequências estratigráficas, longas diacronias de ocupação: de um provável Neolítico à Idade do Bronze no caso do Penedo da Penha e do Neolítico à baixa Idade Média (com um interregno entre o Bronze Final e a ocupação medieval) no Buraco da Moura de S. Romão.

Não dispondo ainda de cronologias absolutas para momentos Neolíticos ou Calcolíticos, as atribuições cronológicas baseiam-se, de momento, exclusivamente nas características tipológicas de materiais e no seu posicionamento

estratigráfico.

Atribuíveis ao III milénio AC têm sido consideradas as ocupações do abrigo do Penedo da Penha e da Sala 20 do Buraco da Moura, assim como alguns materiais provenientes de depósitos de escorrências da sala 2 do Penedo da Penha e das salas 1, 2, 4, 5, do Buraco da Moura. Estas ocupações datadas do Calcolítico caracterizam-se, sobretudo, pela morfologia e decoração da cerâmica e por uma indústria lítica com uma forte componente micro laminar. Na realidade, a produção cerâmica é constituída por formas predominantemente fechadas (esféricas, globulares, tigelas fechadas), onde se deve realçar a total ausência de pratos e taças carenadas, sendo relativamente baixas as percentagens de formas abertas. A decoração da cerâmica é quase sempre superior a 50%, atingindo em alguns casos os 90%. As técnicas decorativas são, por excelência, a impressão e a incisão. Os motivos são normalmente compostos por linhas de incisões ou impressões paralelas ao bordo, espinhas, motivos penteados, retículas (apresentando por vezes um aspecto metopado), triângulos incisos, frequentemente preenchidos por motivos reticulados ou impressões. Ainda em cerâmica, são de destacar, no abrigo do Penedo da Penha, os pesos de tear paralelepípedicos com quatro perfurações, alguns decorados com incisões. Quanto à indústria lítica, é relativamente pouco numerosa, dominada por artefactos micro laminares e produtos de talhe (lamelas e lascas residuais), surgindo também alguns fragmentos de lâminas retocadas e uma única ponta de seta, sobre lasca, no abrigo do Penedo da Penha. Refira-se ainda o reduzido número de elementos de moagem em contextos atribuíveis ao III milénio AC.

Estas ocupações são perspectivadas como uma evolução local de um fundo Neolítico detectável em níveis da sala 2 do Buraco da Moura e em alguns materiais da sala 2 do Penedo da Penha.

## CALCOLÍTICO E DIVERSIDADE

Perante os dados actualmente disponíveis a ocupação humana da bacia do médio e alto Mondego durante o III milénio AC parece assumir cada vez mais um aspecto multifacetado.

Contudo, antes de se avançar nesta problemática será conveniente precisar um pouco o conceito de Calcolítico, uma vez que este é frequentemente usado sem que o vocábulo corresponda sempre ao mesmo conteúdo, resultado da dependência (frequentemente inconsciente) de corpos teóricos conceptuais diversos em que se inscreve a sua utilização.

Um conceito é um utensílio que nos permite organizar o real, não devendo ser confundido com a realidade. Na sua utilização em história, permite organizar

particularismos históricos, possibilitando a sua apreensão, funcionando como utensilagem do processo de conhecimento. Sendo impossível o conhecimento de todos os particularismos históricos, a sua apreensão é feita através de conceitos, onde o singular ganha significado. Um conceito será, nesta perspectiva, sempre uma generalização. Contudo, a sua operacionalidade será maior quanto mais restrita for a realidade observada, porque a diversidade será menor. A operacionalidade conceptual estará, pois, directamente relacionada com problemas de escala de observação. O real tem múltiplas escalas de abordagem e a determinação da adequação de um conceito tem que ser realizada em função dessas escalas. A operacionalidade do conceito, isto é, a sua maior aproximação ao real, depende, em última análise, da sua utilização numa escala que lhe seja adequada.

O conceito de Calcolítico funciona numa escala de análise globalizante, sendo constituído por elementos da realidade considerados significativos (o que implica escolha e, portanto, uma objectividade relativa). O seu conteúdo tem uma vertente cultural e uma outra cronológica que, por questões de operacionalidade, não devem ser separadas: corresponde a uma intensificação económica, a um alargamento das relações e intercâmbios inter-regiões, a uma maior valorização das áreas habitacionais, a mudanças (em continuidade ou em ruptura) ao nível da ideologia, da simbologia, da iconografia, evoluindo no sentido de uma forma embrionária de sociedades mais ou menos hierarquizadas, originando inovações tecnológicas ausentes no *pacote neolítico*; alterações estas que ocorrem na Península Ibérica sensivelmente entre os finais do IV / inícios do III milénio e os finais do III milénio AC.

Estes elementos da calcolitização assumem, contudo, e porque a realidade é multifacetada e constituída por particularismos, ritmos e intensidades diferentes de região para região (e mesmo dentro de uma mesma região), provocando assimetrias, responsáveis por uma grande heterogeneidade de soluções observáveis no registo arqueológico. Esta constatação tem levado alguns pré-historiadores a falar de *Calcolíticos*, procurando determinar o conteúdo do termo em cada situação. Contudo, e sempre privilegiando a operacionalidade do conceito, afigura-se-me mais correcto falar de múltiplas “facetas de uma única realidade” (GONÇALVES, 1989, p.448). Na verdade, apesar de poder apresentar variadas facetas, a realidade calcolítica é única e globalizante, correspondendo a uma série de alterações na organização e funcionamento das sociedades entendidas sistemicamente, que se verificam num determinado período cronológico. Em suma, para se poder adjectivar qualquer comunidade de calcolítica é necessário que, através do registo arqueológico, possamos observar a presença (mais ou menos intensa) dos elementos que consideramos significativos do sistema calcolítico.



Observando os dados que, até ao momento, o registo arqueológico põs ao nosso dispôr para a região em questão, afigura-se-me que nem todas as realidades atrás sumariamente apresentadas se poderão integrar num sistema plenamente calcolítico. Uma análise atenta do registo arqueológico e das cronologias absolutas para ele já obtidas referentes à realidade denominada *Horizonte Moinhos de Vento/Ameal*, observável em vários sítios de habitat e em alguns monumentos megalíticos (SENNA-MARTINEZ, 1989 e *no prelo a, b) e c)*), legitima algumas interrogações à sua integração num sistema calcolítico.

Dispomos actualmente, para povoados integráveis neste horizonte, de quatro datações de radiocarbono. Três dessas datações (duas datando a utilização do silo enquanto tal da cabana 3 do Ameal e outra referente ao Murganho 2) apontam para uma cronologia da 2ª metade do IV milénio / inícios do III AC. A quarta datação diz respeito à utilização do silo da cabana 1 do Ameal, localizando-a no III milénio AC, com um largo intervalo de cerca de 700 anos (2881-2146 cal AC). A cultura material presente nestes povoados permite correlacioná-los com utilizações de monumentos megalíticos (SENNA-MARTINEZ, 1989 e *no prelo b)*), que são atribuíveis a um Neolítico Final, nomeadamente o conjunto fechado do dólmen nº1 dos Moinhos de Vento, datado de meados do IV milénio AC (ICEN-196 4720±40 BP, 3765-3355 cal AC - SENNA-MARTINEZ, 1989). A utilização das quatro datas dos sítios de habitat em conjunto com a dos Moinhos de Vento (todas elas datando contextos arqueológicos com culturas materiais equiparáveis) poderá sugerir uma leitura no sentido de uma longa sobrevivência no tempo desta realidade cultural, que, começando no Neolítico, poderia atingir o último quartel do III milénio AC. Tal torná-la-ia, naquele milénio, contemporânea das ocupações calcolíticas observadas no Castro de Santiago, Murganho 1, Penedo da Penha 1 e Buraco da Moura de S. Romão, etc., para as quais contamos apenas, de momento, com uma datação para o Castro de Santiago, colocando a sua primeira fase de ocupação na primeira metade do III milénio AC.

Mas mesmo que a realidade de *tipo Ameal* (entendendo-a aqui como um sistema organizativo e adaptativo em pleno funcionamento e não apenas como um simples prolongamento de vestígios de uma realidade pré-existente) se estenda no III milénio AC e seja efectivamente contemporânea das ocupações calcolíticas já referidas, será lícito questionar o seu carácter verdadeiramente calcolítico. Efectivamente, o registo do material da cabana 1 do Ameal (cujo silo forneceu a data que poderá ser considerada “calcolítica”) é equivalente ao que se observa na cabana 3 (datável da 2ª metade do IV milénio AC) e no dólmen dos Moinhos de Vento (datável de meados do IV milénio AC). A cultura material e as estratégias de povoamento (manutenção das características de implantação no Ameal) parecem permanecer exactamente as mesmas, não lhes sendo acrescentado nada de novo. Nada que permita observar a existência em funcionamento de um processo de

intensificação da exploração dos recursos económicos, uma complexificação social, um aumento e alargamento dos contactos inter-regionais, alterações dos padrões de estabelecimento e maior valorização do povoado, inovações tecnológicas ou novas referências simbólicas, aspectos significativos do sistema calcolítico.

Contudo, poderemos mesmo questionar esta possível contemporaneidade. Tendo em conta a coerência dos dados materiais destes habitats e tumulações megalíticas correlacionáveis e das datações obtidas para os Moinhos de Vento, Ameal (cabana 3) e Murganho 2, apenas a data da cabana 1 do Ameal nos permite equacionar esta coexistência. Há que atender, porém, a que se trata só de uma data e que, para além disso, apresenta um enorme desvio padrão. Pelo cruzamento da informação arqueológica com a cronologia absoluta disponível, sou tentado a atribuir uma maior probabilidade à possibilidade de a data real da cabana 1 se situar junto ao limite inferior (mais antigo) do intervalo de tempo do desvio padrão, o que a aproximaria da cronologia obtida para a cabana 3 (Quad. 2). Mais do que um sistema organizativo e adaptativo em pleno funcionamento, poderíamos perspectivar a ocupação da cabana 1 do Ameal como um prolongamento vestigial, numa fase de transição e de arranque do processo de calcolitização na região, de uma realidade pré-existente. É uma hipótese de trabalho a necessitar de investigação e, sobretudo, a necessitar de um maior número de cronologias absolutas, nomeadamente (se tal for possível), a obtenção de mais datações para o silo da cabana 1, no sentido de confirmar a data já obtida e de, eventualmente, reduzir o seu desvio padrão.

Outros aspectos, para além das questões de cruzamento de dados arqueológicos e cronologia absoluta, induzem nesta linha de pensamento.

A presença de taça carenada nestes povoados e monumentos megalíticos com ocupações que lhes são correlacionáveis parece-me um indicador igualmente importante. Esta forma cerâmica (embora com algumas diferenças) é equiparável às taças carenadas que, em áreas mais meridionais, marcam o neolítico final e que, apresentando prolongamentos inseridos em contextos do calcolítico inicial no âmbito de um processo de transição, fazem-no em declínio percentual, por vezes apenas de forma vestigial. Ora na bacia do médio e alto Mondego esta forma é sempre significativa em todos os contextos em que aparece, sendo exclusiva do *Horizonte Moinhos de Vento / Ameal*. Se é observável um declínio percentual entre o contexto mais antigo (Moinhos de Vento) e o mais recente (Cabana 1 do Ameal, que apresenta uma percentagem quase idêntica à da cabana 3) (SENNA-MARTINEZ, *no prelo a*) ele é pouco acentuado e neste último contexto, insisto, não há nada de inovador ou de caracteristicamente calcolítico. Considerações semelhantes poderiam ser feitas a respeito, por exemplo, da presença de alabardas em sílex.

Neste sentido, não deixa de ser curioso (sobretudo se comparado com o

que acontece na Estremadura e Sul do país) que aquela forma cerâmica (taça carenada) seja sempre acompanhada por pratos, sendo dois dos tipos cerâmicos mais característicos desta realidade cultural. Até ao momento, ambas se encontram ausentes dos contextos calcolíticos (Castro de Santiago, Murganho 1, Corujeira, níveis calcolíticos da sala 20 do Buraco da Moura de S. Romão, Abrigo do Penedo da Penha 1). Efectivamente, só voltamos a encontrar pratos na região (dois exemplares de bordo almendrado) em níveis da Idade do Bronze do Buraco da Moura de S. Romão, revelando uma sobrevivência (conhecida noutros lados) e um intercâmbio com áreas do Sul. Este quadro obriga, pelo menos até que novos dados surjam, a que esta forma cerâmica (pratos) seja assumida na região como um indicador cronológico e/ou cultural distinto do que acontece mais a Sul.

Quando isolamos e procuramos compreender um sistema multifacetado que funciona num determinado período histórico, é fundamental o conhecimento do que está antes, dos focos geradores das diversas dinâmicas observadas no sistema.

Dados recentes, ainda inéditos, provenientes das escavações realizadas em 1992 e 1993 no Buraco da Moura de S. Romão, revelam a existência de ocupações atribuíveis ao Neolítico (cronologia relativa)<sup>3</sup>, tendo como uma das suas principais características a forte decoração da cerâmica, e que poderão ser responsáveis pelo desenvolvimento de uma das facetas do calcolítico da região. Assim sendo (a questão necessita de maior aprofundamento), é possível levantar como hipótese, orientadora da investigação futura, a possibilidade de uma sincronia no Neolítico Final da região entre comunidades mais directamente ligadas ao fenómeno megalítico, com um sistema de povoamento de *tipo Ameal*, e comunidades que privilegiam as “grutas” e abrigos entre penedos como espaços habitacionais e eventualmente sepulcrais, possuindo uma cultura material distinta<sup>4</sup>.

Um carácter multifacetado e diversificado das sociedades pré-calcolíticas, evoluindo em ritmos diferenciados, tem sido um modelo recentemente utilizado para explicar, pelo menos parcialmente, as assimetrias e contrastes verificados ao longo do III milénio AC noutras áreas peninsulares (GONÇALVES, 1989).

A evolução assimétrica e arritmada das sociedades pode, em determinados momentos históricos (normalmente de transição), ser responsável pela coexistência, num dado espaço, de sistemas económicos, sociais, político-ideológicos e tecnológicos diferentes. Coexistência que poderá ser, se quisermos, alternativamente interpretada à luz de modelos organizativos do real de predominância mais

---

<sup>3</sup> Eventualmente extensiva a materiais da sala 2 do Penedo da Penha 1.

<sup>4</sup> Esta hipótese passa, antes de mais, pela obtenção de cronologias absolutas para os recentes dados do Buraco da Moura de S. Romão, esperando-se as primeiras para breve.

difusionista como, por exemplo, foi recentemente defendido para o processo de neolitização do Ocidente Peninsular (ZILHÃO, 1992 e *no prelo*), propondo-se uma sincronia entre comunidades mesolíticas dos grandes estuários do Tejo, Sado e Mira e as primeiras populações neolíticas que se estabeleceram nas suas periferias.

A evidência hoje já disponível parece indicar que, não sendo tão “exuberante” como noutras regiões, o processo de calcolitização da bacia do médio e alto Mondego terá sido algo complexo. Para tal certamente concorreu a confluência, durante o Neolítico, de fortes influências culturais (se não mesmo deslocações de população) oriundas de áreas culturais distintas, conferindo um certo carácter híbrido a esta região. Efectivamente, vários autores têm proposto um carácter alógeno ou fortemente aculturado, com origem meridional (Estremadura), para o megalitismo da região (SENNA-MARTINEZ, 1989) ou, pelo menos, para comunidades responsáveis por tumulações em algumas das sepulturas megalíticas, por exemplo, no dólmen dos Moinhos de Vento (JORGE, 1990). Por outro lado, o Buraco da Moura de S. Romão (e, eventualmente, a sala 2 do Penedo da Penha 1) revelou recentemente a existência de um outro fácies neolítico, cuja cultura material sugere influências mesetanas, provavelmente com filiação andaluza (MUNICIO, 1988). Deste modo, o problema da diversidade do Calcolítico na região terá que ser abordado partindo de um quadro provavelmente mais complexo do que a simples existência de um neolítico monolítico, a partir do qual se desencadearia o processo de calcolitização.

A existência de um quadro diversificado durante o III milénio AC nesta área regional, constituído por comunidades que apresentam culturas materiais díspares (caso de Santiago, Murganho 1 e Corujeira por um lado e Penedo da Penha e Buraco da Moura por outro, a que poderemos juntar o Ameal se aceitarmos uma coexistência para a cabana 1) e diversificadas estratégias de implantação e de organização no espaço (povoados alcantilados fortificados; povoados abertos sem defesas naturais; abrigos entre penedos), corresponderá a sistemas de exploração dos recursos e estratégias adaptativas distintas que terão evoluído, com diferentes ritmos e graus de complexificação, a partir de uma herança neolítica ela própria multifacetada.

## CONTACTOS INTER-REGIONAIS

Tal como no que respeita à questão da diversidade, a abordagem dos contactos e influências inter-regionais durante o Calcolítico na bacia do médio e alto Mondego tem que partir da observação da realidade pré-existente na região. O registo arqueológico demonstra de forma clara a existência de fortes

relações das comunidades ali presentes durante o IV milénio AC com as áreas peninsulares envolventes. A presença do sílex (inexistente na região) em grande quantidade e qualidade, determinados conjuntos artefactuais (de que, a título de exemplo, citarei as alabardas e punhais de sílex) patentes em vários monumentos megalíticos, ou de determinadas morfologias e decorações das cerâmicas do Buraco da Moura de S. Romão e Penedo da Penha indicam a existência de contactos e intercâmbios à distância durante o Neolítico, sobretudo com as regiões contíguas: Estremadura e bacia do Douro.

Durante o III milénio AC estes contactos parecem desenvolver-se, alargar-se e intensificar-se. O abastecimento de matérias-primas, mais concretamente do sílex, terá obrigado desde cedo à participação em circuitos de troca transregional daquele produto, embora se mostre deficitário em alguns sítios de habitat. O litoral estremenho (compreendendo aqui a área entre Mondego e Tejo) terá sido, com grande probabilidade, uma região privilegiada no que respeita ao fornecimento do sílex consumido na Beira Alta. Como aparentes influências de cariz meridional poder-se-ão ainda referir a presença no Castro de Santiago de taças de bordo espessado internamente (com uma percentagem muito pouco representativa) ou os pesos de tear paralelepípedicos com quatro perfurações, por vezes decorados (Castro de Santiago, Penedo da Penha 1, Murganho 1).

A cerâmica pintada (1 fragmento proveniente do Castro de Santiago) sugere contactos com a região da Meseta Norte espanhola, onde esta técnica decorativa surge em alguns povoados calcolíticos (La Peña del Aguila, Mariselva, Coto Alto, Guilbuena - LÓPEZ PLAZA, 1978) que apresentam uma cultura material com fortes afinidades com as de Santiago, Corujeira e Murganho 1. A presença de cerâmicas pintadas nestas regiões integrar-se-ão num contexto mais vasto de uma utilização (pouco frequente) desta técnica decorativa, quase sempre apresentada como de inspiração mediterrânica (LEISNER, 1943; ALMAGRO y ARRIBAS, 1963; LÓPEZ PLAZA, 1978) e cujo primeiro impacto na Península se teria feito sentir no Sudeste no arranque do processo de calcolitização.

A ocorrência, por vezes dominante, das decorações incisivas penteadas em contextos habitacionais calcolíticos da bacia do médio e alto Mondego (com excepção, até ao momento, do Castro de Santiago) ou em monumentos megalíticos com reutilizações durante o III milénio AC (caso do dólmen dos Fiais da Telha - SENNA-MARTINEZ, 1989) sugere, de igual modo, a integração desta região numa área mais vasta, onde se expressa esta decoração, apresentando as áreas geográficas contíguas uma importante incidência dos motivos penteados: a bacia do Douro (Norte de Portugal e Meseta Norte) e (com uma presença cada vez mais forte, ainda que pouco sublinhada) a Estremadura, sobretudo a sua metade Norte (VALERA, 1993 a)).

Um dos aspectos mais interessantes no âmbito dos contactos inter-regionais,

será a presença de um sistema de fortificação no Castro de Santiago (e, possivelmente, na Fraga da Pena, numa fase de transição para a Idade do Bronze). Apresentando linhas de muralhas preenchendo espaços entre penedos e (para já) um possível bastião, estas estruturas defensivas apontam para a sua inserção num circuito de circulação de ideias e, eventualmente, pessoas (há quem sugira “arquitectos”), cujo espaço geográfico peninsular de influência parece ter vindo a aumentar consideravelmente com a investigação dos últimos anos: para além de Santiago na Beira Alta, refira-se os povoados de Castelo Velho e S. Lourenço no Norte de Portugal<sup>5</sup> ou El Pedroso na Meseta Norte (ESPARZA-ARROYO, 1977). Tratam-se de povoados fortificados localizados no Centro/Norte, em áreas bem no interior, obrigando à reformulação de algumas ideias tradicionalmente expostas sobre o problema dos habitats fortificados no Calcolítico. A sua interpretação como o resultado da inserção destas comunidades do interior num circuito transregional de ideias e concepções (com provável origem mediterrânica) deverá ser entendida num quadro de *mudança cultural* onde operam os fenómenos da evolução e da difusão, esta última aqui entendida como um processo cumulativo e não de substituição. A adopção do que vem de fora é vista como fazendo parte do constante processo adaptativo da comunidade, permitindo conceber a difusão como um processo de aculturação selectiva. A aceitação da influência (surja ela sob forma material ou de ideias) dependerá da sua utilidade e compatibilidade dentro da cultura receptora. A justificação para a ocorrência destas fortificações deverá, pois, ser investigada numa evolução local, procurando perceber as alterações que a sua incorporação terá provocado sobre as ideias, concepções e significados originais<sup>6</sup>.

Por outro lado, o estabelecimento e desenvolvimento de contactos trans-regionais, normalmente observável a partir da presença na cultura material de determinada comunidade de itens ou concepções alógenas, assumirá sempre um carácter de maior ou menor reciprocidade. Se as influências externas poderão ser determinadas com maior facilidade, o que é “exportado” poderá ser bem mais difícil de identificar, sobretudo quando se trata de comunidades mais conservadoras e fechadas que entram em contacto com outras mais complexas e abertas.

Para além de uma participação na construção de um corpo estético e eventualmente simbólico (expresso, por exemplo, nas temáticas decorativas das cerâmicas) que, com regionalismos mais ou menos acentuados, parece afirmar-se preferencialmente no quadrante Noroeste da Península Ibérica, as contribuições

---

<sup>5</sup> Susana O. Jorge, comunicação apresentada ao 1º Simpósio Transformação e Mudança, Cascais, 1993.

<sup>6</sup> Partindo do princípio de que nenhuma comunidade incorpora algo sem sobre isso exercer alguma alteração de forma e/ou função e/ou significado.

beirãs para outras áreas culturais, no período considerado, estão longe de poderem ser convenientemente definidas. Refira-se, no entanto, ao nível da circulação de matérias-primas, as possibilidades levantadas em relação ao abastecimento de anfibolito a outras regiões, nomeadamente à Estremadura (SENNA-MARTINEZ, *no prelo b*). A existência de lajes de anfibolito, aparentemente constituindo um depósito votivo, no dólmen de S. Pedro de Dias ou a alta percentagem de blocos de anfibolito talhados e prontos a serem transformados em instrumentos, provenientes do Castro de Santiago, são exemplos que poderão sustentar a hipótese da utilização, desde o Neolítico Final, do anfibolito como produto de troca<sup>7</sup>.

O III milénio AC na Beira Alta, à imagem do que acontece um pouco por toda a Península com intensidades diferentes, assiste ao intensificar dos contactos transregionais. Contudo, a presença no registo arqueológico de itens de características alógenas não esconde um fundo cultural local com raízes no Neolítico, nem minimiza um forte conservadorismo que estas comunidades evidenciam face aos tradicionais grandes focos calcolíticos peninsulares. Aliás, a manutenção de uma identidade própria expressa na cultura material das diversas áreas culturais durante o III milénio AC tem vindo a ser sublinhada por diversos investigadores (DELIBES DE CASTRO et alii, 1988, JORGE, 1990), independentemente da sua maior ou menor integração numa rede de contactos e trocas transregionais e, conseqüentemente, de uma maior ou menor presença de itens com origens alógenas.

A existência de um forte conservadorismo e identidade própria marcantes, actuando de forma interactiva num processo mais lento de complexificação social e em condições geográficas de algum isolamento em relação a importantes focos de mudança, poderão ter estado na base de um processo de calcolitização menos exuberante e de uma integração mais deficiente nos circuitos de trocas de objectos, ideias e pessoas que se estabeleceram durante o III milénio AC. Um quadro assim traçado poderá ser utilizado como pano de fundo para explicar a fraca, tardia ou nula assimilação pela região de alguns dos *ex libris* calcolíticos: a metalurgia, a iconografia e o campaniforme.

Efectivamente, e no que respeita ao primeiro aspecto, a metalurgia, até ao momento não existem vestígios da sua prática nem da utilização de objectos de metal em contextos calcolíticos em toda a região. A presença dos primeiros utensílios metálicos parece ser tardia e acontecer apenas numa fase de transição, marcando o início da Idade do Bronze. Será mesmo necessário esperar pela fase

---

<sup>7</sup> Neste sentido será fundamental a realização de estudos transregionais que tenham por base análises petrográficas e cartografia de fontes de matérias-primas e artefactos, dependendo a valorização desta hipótese dos resultados obtidos.

final deste período para surgirem as primeiras provas arqueológicas da existência de metalurgia e dos primeiros utensílios em bronze. Contudo, em áreas contíguas e com as quais, como atrás se defendeu, as comunidades da bacia do médio e alto Mondego terão desenvolvido contactos, a metalurgia é praticada desde a primeira metade do milénio: é o caso da Estremadura e é-o também o da Meseta Norte, onde esta tecnologia terá surgido, praticamente em simultâneo com o Sul, em povoados como Las Pozas (DELIBES DE CASTRO et alli, 1988). No Norte de Portugal, sem uma metalurgia inequivocamente atestada, a circulação de objectos metálicos é um facto em contextos calcolíticos.

Quanto ao fenómeno campaniforme, este assume um carácter de excepção na região, ocorrendo em reutilizações mais recentes de alguns monumentos megalíticos e na Fraga da Pena. De uma maneira geral os vasos apresentam um aspecto tipológico tardio, sendo na sua maioria integráveis já na Idade do Bronze (SENNA-MARTINEZ, 1989, JORGE, 1990). Esta absorção tardia do fenómeno campaniforme terá sido também responsável pela introdução dos primeiros artefactos metálicos na região (SENNA-MARTINEZ, *no prelo b*)).

Poder-se-á, e até certo ponto com razão, argumentar que a ausência ou escassez destes artefactos em contextos calcolíticos na região se poderá a ficar a dever a deficiências de amostragem inerentes à própria evolução da investigação arqueológica na área. Porém, mesmo que exista um problema de amostragem e novos dados venham a surgir num futuro próximo, o modelo interpretativo que, de momento, melhor se adequa à informação disponível aponta para uma adopção tardia destes utensílios, num contexto de transição para a Idade do Bronze, e cujo significado e aparente “atraso” terá que ser procurado na dinâmica evolutiva interna das comunidades calcolíticas locais.

Um outro aspecto em que, aparentemente, as comunidades calcolíticas do médio e alto Mondego parecem revelar um certo afastamento é em relação ao complexo ideográfico e simbólico que se desenvolve durante o III milénio AC, tendo como principais focos as áreas peninsulares meridionais.

Efectivamente, não se conhece, em contextos habitacionais, qualquer artefacto ou vestígio que possa ser interpretado no âmbito do simbólico. Ao invés, nas áreas envolventes são conhecidos, provenientes de povoados, alguns objectos habitualmente conectados com a simbologia calcolítica meridional: é o caso dos chamados *ídolos de cornos*, presentes na Meseta Norte espanhola nos povoados de Las Pozas (DELIBES DE CASTRO, 1985), Teso del Moral e Peña del Aguila (LÓPEZ PLAZA, 1978) e que, por aquela via, terão atingido o Nordeste português, surgindo igualmente nos povoados do Cunho e Barrocal Alto (SANCHES, 1992). Ainda no Norte de Portugal, será de destacar a presença nos habitats da Vinha da Soutilha e S. Lourenço de cerâmica “oculada” (JORGE, 1990, p. 204).



Em relação a um dos motivos tradicionais da dita “cerâmica simbólica”, os triângulos preenchidos a pontilhado, há que referir que se trata de um motivo relativamente comum nos povoados do Norte de Portugal e da Meseta Norte. Na Beira Alta, são um dos motivos mais vulgares no Castro de Santiago. Contudo, penso que a forte divulgação nestas áreas dos triângulos preenchidos (a pontilhado ou com outro tipo de impressões ou incisões), frequentemente associados no mesmo recipiente a outros motivos decorativos de características regionais, deve ser entendida como parte integrante de modelos estilísticos locais, não comportando a carga simbólica que usualmente lhes é atribuída no Sul peninsular.

Ausentes dos contextos habitacionais calcolíticos conhecidos na bacia do médio e alto Mondego, elementos integráveis num complexo simbólico de inspiração meridional surgem, por vezes, mas sempre com carácter de excepção, em alguns monumentos megalíticos com reutilizações durante o III milénio AC. A título de exemplo, cite-se o caso da Anta da Matança (CRUZ, 1992), onde surgiu um pequeno ídolo de azeviche classificável no grupo genericamente designado por *ídolos almerienses*. Por outro lado, integrados numa matriz de forte cariz regional, alguns elementos de proveniência transregional poderão ser igualmente identificados na arte megalítica pintada do *Grupo de Viseu*. A sua utilização, contudo, terá que ser feita de modo cauteloso, uma vez que estão por estabelecer cronologias seguras para os painéis pintados em vários monumentos megalíticos que, mais do que uma produção sincrónica, serão o resultado de uma sequência de adições que importa identificar.

Deste modo, e apesar de uma intensificação dos contactos inter-regionais durante o III milénio AC, detectável no registo arqueológico hoje disponível e eventualmente sustentável através do desenvolvimento de uma economia agro-pastoril, a região do médio e alto Mondego, parece manter, comparativamente com outras áreas regionais contíguas, um maior isolamento em relação aos grandes focos da dinâmica calcolítica na Península Ibérica. Forte conservadorismo e/ou lacunas de investigação? É uma das questões prioritárias a esclarecer com a continuidade da pesquisa na região.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMAGRO BASCH, M. y ARRIBAS, A. (1963). *El poblado y la necrópolis megalíticos de Los Millares (Santa Fé de Mondujar. Almería)*. Bibliotheca Prehistorica Hispana, III.
- CRUZ, D.J.; CUNHA, A.L.; GOMES, L.F. (1990). *A casa da Orca de Corgas de Matança*. Separata da Portugália, Vol.IX-X, 1988-89, p.31-47, Câmara Municipal de Fornos de Algodres.
- DELIBES DE CASTRO, G. (1985) “El Calcolítico. La aparición de la metalurgia”, *La Pre-historia del valle del Duero*, 1, Historia de Castilla y Leon, Ambito, Valladolid,

- p.36-52.
- DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MIRANDA, M.; MARTÍN COLLIGA, A. e MOLINA, F. (1988). "El Calcolítico en la Península Iberica." in: Congreso Internacinal L'Eta del Rame in Europa, Viareggio, 15/18, Ottobre, 1987, *Rasegna di Arqueologia*, 7, p. 255-282.
- ESPARZA ARROYO, A. (1977) "El castro zamorano del Pedroso y sus insculturas", *BSAA*, XLIII, Valladolid.
- ESTEVINHA, I., SENNA-MARTINEZ, J.C. e VALERA, A.C. (1989). "O Complexo 1 do Penedo da Penha, Vale de Madeiros (Canas de Senhorim): alguns resultados preliminares da campanha 1(1987)". in, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, Viseu, G.C.V., p. 125-142.
- GONÇALVES, V.S. (1989). *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Estudos e Memórias, Centro de Arqueologia e História, INIC, Lisboa.
- JORGE, S.O. (1990). "Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia". in: J.Serrão & A.H.Oliveira Marques (dirs.), *Nova História de Portugal. Portugal, das origens à romanização*, Lisboa, Ed. Presença, p. 163-212.
- LEISNER, G. e V. (1943). *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel: Der Suden*. Romisch-Germanische Forschungen, vol. 17, Berlin.
- LOPEZ PLAZA, S. (1978). *Comienzos del eneolítico protourbano en el S.O. de la Meseta Norte*. Policopiado.
- MUNICIO, Luciano (1988). "El Neolítico en la Meseta Central española". Pilar López (Coord.) *El Neolítico en España*, Catedra, Madrid, p. 299-326.
- SANCHES, M. J. (1992) *Pré-história recente no planalto mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monografias Arqueológicas 3, GEAP, Porto.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (no prelo a)). The late prehistory of central Portugal: a first diachronic view. Paper presented at the American Anthropological Association annual meeting, Chicago, 1991.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (no prelo b)). Megalitismo, Habitat e Sociedades: a bacia do médio e alto Mondego no conjunto da Beira Alta (c.5200-3000 BP). Conferência realizada no seminário O Megalitismo no Centro de Portugal, Mangualde, 1992.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (no prelo c)). Intensificação, complexização, interação e integração: transformações e mudança na Bacia do Mondego durante o 5º milénio BP e correlações com as áreas peninsulares envolventes. Comunicação apresentada no 1º Simpósio Transformação e Mudança, Cascais, 1993.
- SENNA-MARTINEZ, J.C. (1989). *Pré-História recente da bacia do médio e alto Mondego. Algumas contribuições para um modelo sociocultural*. Dissertação de doutoramento apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, Policopiado.
- SOARES, A. Monge (no prelo). Datações absolutas para os IV e III milénios A.C.: Uma análise crítica. Comunicação apresentada ao 1º Simpósio Transformação e Mudança, Cascais, 1993.
- VALERA, A. C. (1992). *Castro de Santiago (Figueiró da Granja). As campanhas de 1990 e 1991*. GAFAL, Fornos de Algodres.
- VALERA, A.C. (1993 a)). "A ocupação calcolítica da 'sala 20' do Buraco da Moura de S.Romão". in, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p. 37-53.
- VALERA, A.C. (1993 b)). "A Corujeira, Canas de Senhorim: vestígios de uma ocupação calcolítica." in, *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 1, Lisboa, Colibri, p. 29-35.
- VALERA, A. C. (1993 c)). *Património Arqueológico do Concelho de Fornos de Algodres*.

Câmara Municipal de Fornos de Algodres, Lisboa.

VALERA, A. C., com colab. de Ana P. Henriques e Margarida S. Barroso (no prelo a)).

“Murganho I. Intervenção de emergência numa área de eucaliptal.” *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, A.A.P., Lisboa.

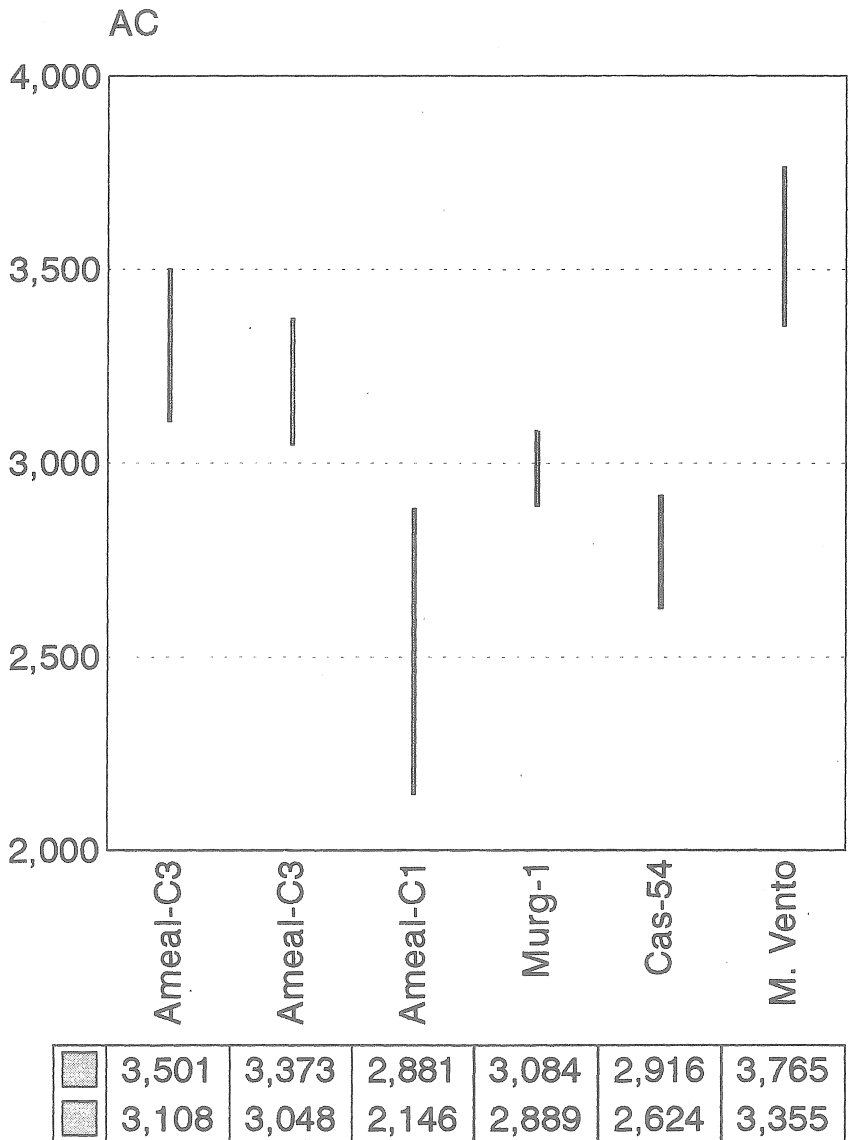
VALERA, A. C. (no prelo b). Linhares. Relatório de Prospecção. *Informação Arqueológica*.

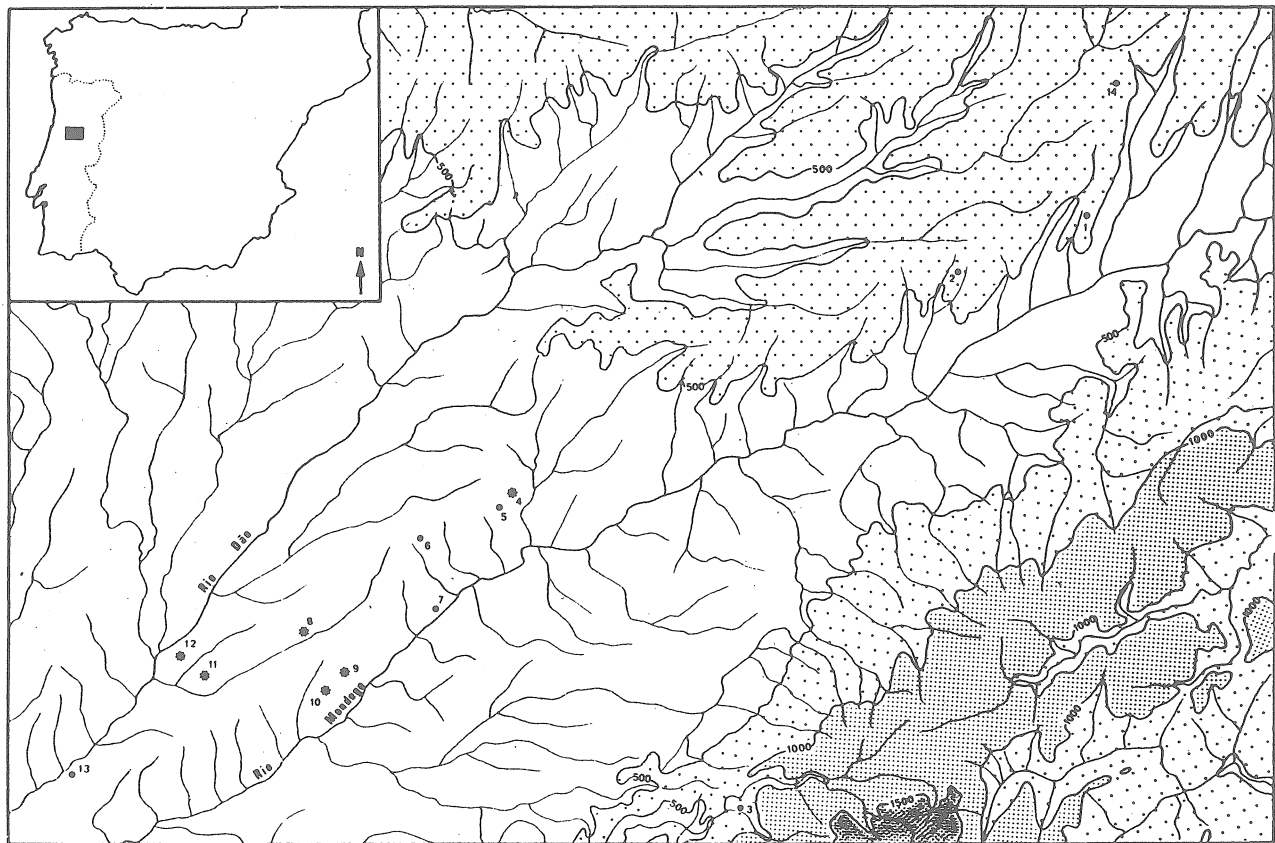
VALERA, A. C. (no prelo c)). “Duas datações de C14 para o Castro de Santiago (Fornos de Algodres)”. *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, A.A.P, Lisboa.

ZILHÃO, J. (1992). *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo*. Trabalhos de Arqueologia, 6, IPPAAR, Lisboa.

ZILHÃO, J. (no prelo). “The spread of agro-pastoral economies across mediterranean Europe. A view from the Far-West.”. *Journal of Mediterranean Archaeology*.

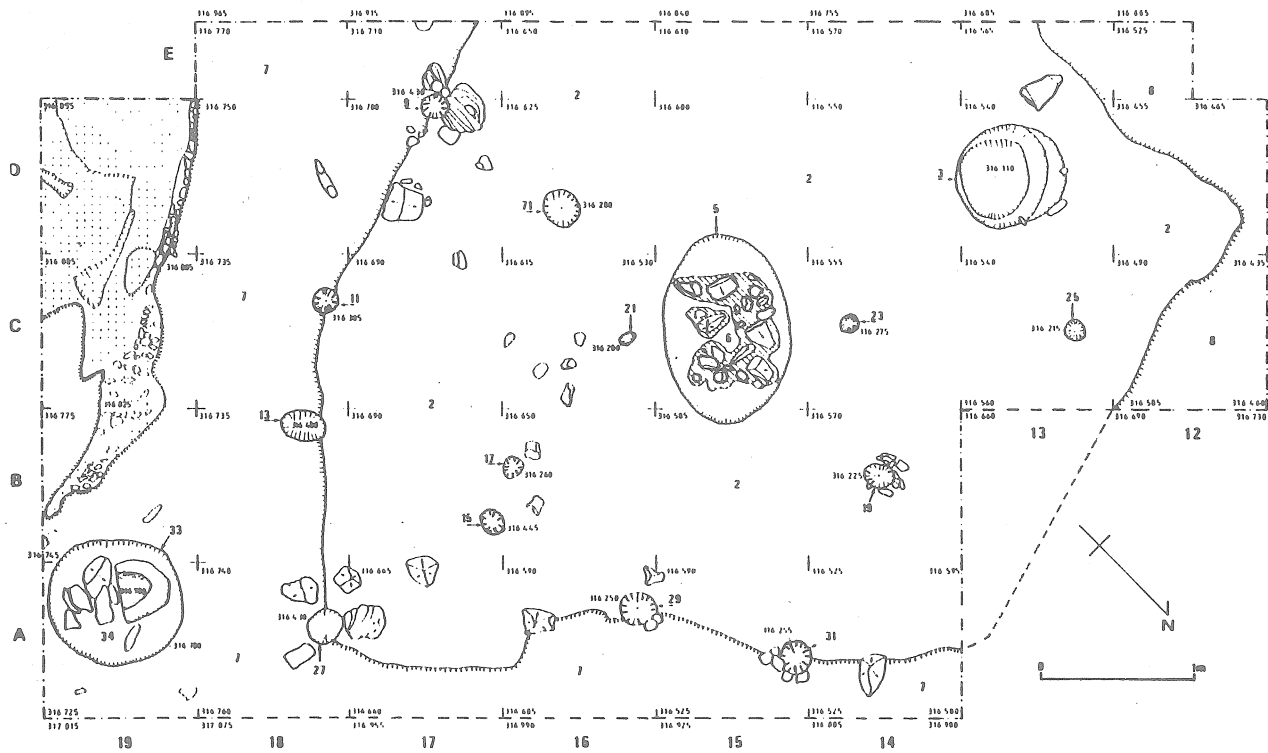
**QUADRO 2**  
 Datações de radiocarbono disponíveis para o dólmen dos Moinhos  
 de Vento e habitats do IV e III milénios A. C.





Localização dos sítios de habitat conhecidos na bacia do médio e alto Mondego com ocupação durante o III milénio A.C. Com asteriscos estão referenciados os habitats representativos da realidade cultural identificada no Ameal. Para identificação dos sítios representados ver o quadro 1, em texto.

0 10 km



Planta da cabana 1 do habitat do Ameal segundo Senna-Martinez, 1989.

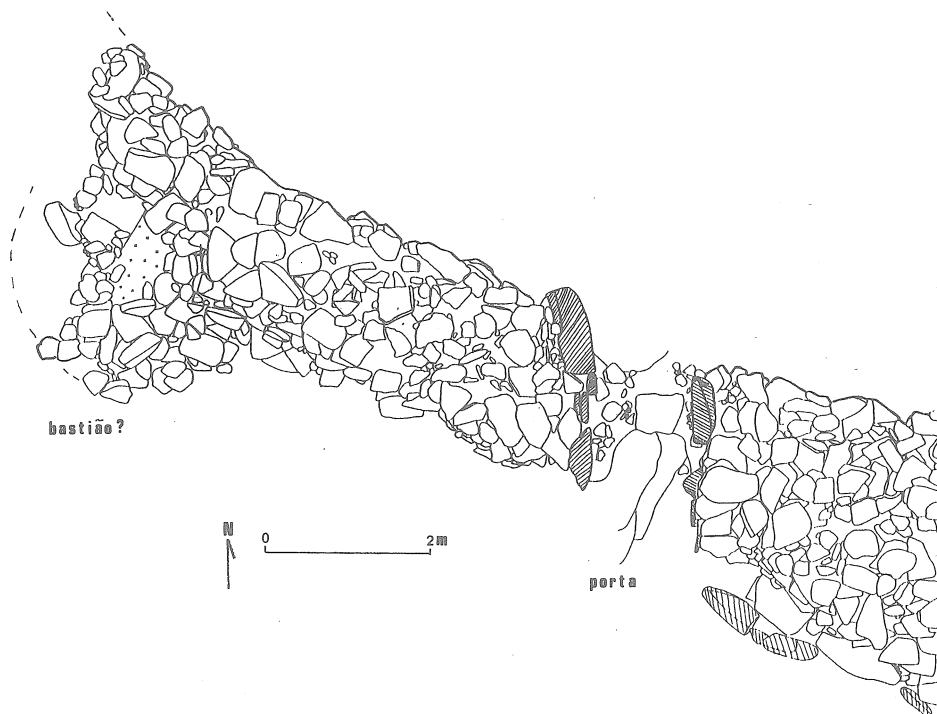
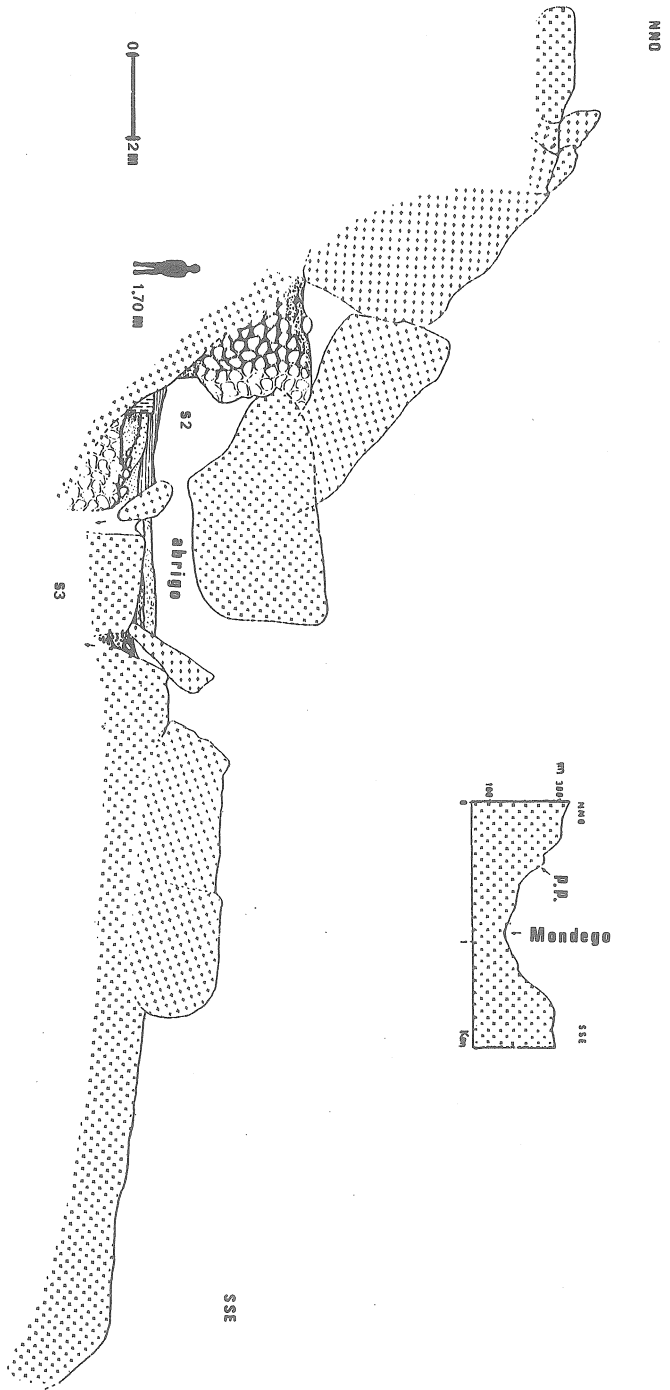


Fig. 1 — Aspecto parcelar das estruturas de fortificação do Castro de Santiago.



Fig. 2 — Aspecto de uma das estruturas habitacionais do Castro de Santiago.



Perfil do complexo de abrigos entre penedos graníticos do Penedo da Penha.